



POLÍTICA INDUSTRIAL: TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL PELA VIA DA INOVAÇÃO

[http://dx.doi.org/10.25091/
S0101-3300201700030001](http://dx.doi.org/10.25091/S0101-3300201700030001)

MARIO SERGIO SALERNO*

[*] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: msalerno@usp.br.

Política industrial é um termo eivado de significados históricos e simbólicos. À semelhança do futebol, desperta várias paixões. Mas diferentemente do futebol, o termo pode ser polissêmico. Futebol se joga com onze, o campo tem dimensões definidas, a partida dura dois tempos de 45 minutos e assim por diante. Já o termo política industrial não é tão unívoco. É sinônimo de substituição de exportações? De lei do similar nacional? De promoção de “campeões nacionais”, seja lá o que isso signifique? De adensamento de cadeias produtivas? De “bolsa empresário”? Ou de indução à transformação da estrutura industrial rumo a patamares elevados de produtividade, valor agregado, competitividade internacional e inovação?

Os textos aqui reunidos neste oportuno e necessário dossiê sobre política industrial não ficam em cima do muro. Assumem a última formulação, que associa política industrial à inovação e à transformação da estrutura produtiva, como a estratégia para o desenvolvimento industrial brasileiro contemporâneo. Retomando o início do parágrafo: a discussão sobre indústria e desenvolvimento industrial é crucial. Crucial para a criação de valor, sem o qual não há distribuição. Crucial para irradiar progresso técnico na economia. Para gerar empregos mais qualificados. Há uma miríade de atributos.

Competitividade é a chave. Não adianta olhar para trás, o que interessa são os fatores que direcionam a competitividade e a produtividade daqui para a frente. Ou seja, a transformação da indústria pela inovação e pelo aumento da produtividade. E isso conta com fortíssimas políticas públicas no Canadá, nos EUA, na Europa, na China, em todos os países que têm veleidades de impulsionar sua indústria.

O texto “Avanços, equívocos e instabilidade das políticas de inovação no Brasil” faz breve retrospecto e avaliação das políticas de inovação, e elas são recentes. A política pública brasileira nem sempre foi muito coerente, ora flertando com inovação, ora tendo recaídas mais tradicionais. Já o texto “O Brasil e a nova onda de manufatura avançada” aborda tema crucial que vem sendo discutido com grande ênfase no exterior, mas parece muito inerte no Brasil: a

transformação da manufatura pela integração de máquinas, internet das coisas, aprendizagem de máquina/inteligência artificial, *big data*, fotônica, eletrônica híbrida, nano e biotecnologia/bioprocessos. Esse processo recebe o nome de manufatura avançada nos EUA e, com foco menos em bio e em componentes eletrônicos, de indústria 4.0 na Alemanha. A China também tem seu programa, ambicioso. Esses programas são analisados no texto, e questões são colocadas para a elaboração de políticas públicas no Brasil—políticas públicas ambiciosas ousadas pululam no mundo.

Mas nem só de grande empresa vive a transformação do sistema produtivo. Há poucos mais de dez anos o Brasil está assistindo a um saudável movimento de criação de empresas de base tecnológica, que aqui chamaremos de *startups*. Esse movimento já gerou algumas empresas muito interessantes e pode contribuir bastante para melhorar a qualidade da produção nacional. Esse panorama é discutido no texto “Inovação e empreendedorismo: políticas públicas e ações privadas”.

A discussão colocada pelos textos pode levar a inúmeros desdobramentos. Um, mais direto, de pensar a estrutura produtiva e políticas industriais mais contemporâneas. Outro seria discutir as repercussões éticas, morais e societais dessas transformações, particularmente aquelas capitaneadas pela aprendizagem de máquina/inteligência artificial em associação com *big data*. Grandes desafios exigem elaborações à altura. O dossiê busca dar sua contribuição.

MARIO SERGIO SALERNO é professor titular do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e coordenador do Observatório da Inovação e Competitividade do Instituto de Estudos Avançados (IEA–USP).

A Fundação Carlos Chagas tem como premissa essencial a questão da cidadania. Em suas especialidades e linhas de pesquisa, atua com vistas ao desenvolvimento humano-social.

A produção em pesquisa na FCC, articulada entre os pólos de avaliação de políticas, gênero e raça, abrange aprofundados estudos sobre os vários níveis de ensino.

Nas três publicações da Fundação – Cadernos de Pesquisa, Estudos em Avaliação Educacional e Textos FCC –, essa produção acadêmica divide espaço com o trabalho de pesquisadores de outras instituições e possibilita uma visão diversificada sobre as questões da área.



Fundação Carlos Chagas

REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO WWW.FCC.ORG.BR